

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC RICARDO NOGUEIRA

GUERRA DO VIETNÃ X 1ª GUERRA DO GOLFO:
o ambiente informacional foi decisivo para o resultado dos conflitos?

Rio de Janeiro

2019

CEMOS 2019

GUERRA DO VIETNÃ X 1ª GUERRA DO GOLFO:
o ambiente informacional foi decisivo para o resultado dos conflitos?

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CEMOS2019

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2019

AGRADECIMENTOS

À CEMOS2019, por sempre me conduzir e me fazer trilhar por caminhos seguros.

À minha amada esposa CEMOS2019, pelo seu amor, sacrifício, apoio e dedicação que me permitiram realizar este trabalho.

Aos meus amados filhos CEMOS2019 e CEMOS2019, pela compreensão que tiveram na minha ausência e pela motivação que o carinho de vocês me deu.

Ao CEMOS2019, pela compreensão e pelas orientações prestadas.

Ao CEMOS2019, por toda compreensão e atenção prestadas.

RESUMO

O propósito da pesquisa é verificar as particularidades das Operações de Informação, com foco na Comunicação Social e nas Operações Psicológicas. A importância do tema é fundamentada na oportunidade de contribuir para a compreensão dessas duas áreas nas Guerras do Vietnã e 1ª Guerra do Golfo, sendo um ponto de inflexão para as operações militares. Para alcançar esse objetivo, a metodologia empregada será a realização de estudo de casos, usando o método comparativo, após aplicarmos a técnica da teoria x realidade, expondo uma abordagem qualitativa de dados coletados em pesquisa bibliográfica e documental. O trabalho apoiou-se, inicialmente, na apresentação da doutrina de Operações de Informação da Marinha, na tríade clausewtiana e nos círculos concêntricos de Jonh Warden, visando à obtenção do embasamento para a análise pretendida. Após a apresentação da doutrina, foi realizado o estudo dos dois conflitos, evidenciando que a aplicação dos fundamentos doutrinários, podem evidenciar diferenças determinantes para o resultado dos conflitos.

Palavras-chave: Ambiente Informacional ComSoc. Ho Chi Minh. OpInfo. Opinião Pública. OpPsc. Público-alvo. Saddam Hussein.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Tríade Clausewtiana.....	20
FIGURA2 – Tríade de Clausewitz estadunidense pós-Guerra do Vietnã ...	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ComSoc – Comunicação Social

CNN – Cable News Network

CSONU – Conselho de Segurança da ONU

EMA – Estado-Maior da Armada

EUA – Estados Unidos da América

JP – Joint Publications

ONU – Organização das Nações Unidas

OpInfo – Operações de Informação

OpPsc – Operações Psicológicas

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A DOCTRINA DE OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO NA MARINHA DO BRASIL	11
2.1	AS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO E SUA EVOLUÇÃO	12
2.2	COMUNICAÇÃO SOCIAL	14
2.2.1	Relações Públicas	14
2.2.2	Publicidade	14
2.2.3	Comunicação Social e o Ambiente Operacional	14
2.3	OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS	15
3	TRÍADE CLAUSEWTIANA E OS CINCO CÍRCULOS CONCENTRICOS DE JOHN WARDEN	18
3.1	A TRÍADE CLAUSEWTIANA	18
3.1	JOHN WARDEN E SEUS CÍRCULOS CONCÊNTRICOS	21
4	A GUERRA DO VIETNÃ	23
4.1	ASPECTOS HISTÓRICOS	23
4.2	PERÍODOS ENTRE GUERRAS	26
4.3	A GUERRA DO VIETNÃ	28
4.4	A LIDERANÇA DE HO CHI MINH	30
4.5	O MUNDO BIPOLARIZADO	32
4.6	EFEITO CNN	34
4.6.1	A impotência do poderio militar estadunidense	34
4.6.2	Ofensiva do Tet	35
5	A 1ª GUERRA DO GOLFO	37
5.1	ASPECTOS HISTÓRICOS	37
5.2	A GUERRA DO GOLFO	38
5.3	A QUESTIONÁVEL LIDERANÇA DE SADDAM HUSSEIN	39
5.4	A POTÊNCIA HEGEMÔNICA E A DIFERENÇA ENTRE OS EXÉRCITOS	41
5.5	O PODER E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA GUERRA	43
6	CONCLUSÃO	46

REFERÊNCIAS	50
--------------------------	-----------

1 INTRODUÇÃO

Os sistemas e meios de comunicação tem alcançado uma grande evolução. Vivemos hoje em mundo cada vez mais conectado, onde os ambientes alcançaram grande evolução, se anteriormente tínhamos três ambientes, hoje mudamos para cinco ambientes, consagrando o ciberespaço e o ambiente espacial. Essa evolução também atingiu as Forças Armadas, a redução dos grandes exércitos por soldados cada vez mais técnicos, preparados para lidar com sistemas cada vez mais precisos e complexos e a importância das ações não cinéticas para a resolução dos conflitos, aumentaram a importância da ComSoc e das OpsPsc.

Trabalhando de maneira diferente, mas de forma complementar, sinérgica e comprometida, essas duas ferramentas das OpInfo tem uma grande responsabilidade para evitar o fratricídio da informação,

Com o intuito de aprofundar o nosso conhecimento sobre o tema, este trabalho se propõe a analisar a evolução das OpInfo, nos campos das ComSoc e OpPsc, nas Guerras do Vietnã (1960-1975) e 1ª Guerra do Golfo (1990-1991) e busca responder ao seguinte questionamento: Em relação às estratégias utilizadas na Guerra do Vietnã, no ambiente informacional, pode-se afirmar que foram fundamentais para o insucesso da campanha, quando comparado com as ações realizadas na 1ª Guerra do Golfo?

A Doutrina de Operações de Informação da Marinha (EMA-335), a Triade de Clausewitz e os círculos concêntricos de Jonh Warden servirão para dar suporte ao nosso trabalho. De posse dessas ferramentas teóricas, poderemos verificar que as OpInfo tiveram relevância em diversos conflitos ao longo da história e, mesmo antes do surgimento de uma Doutrina, se mostraram fundamentais para o *modus operandi*¹ nos campos de batalha.

O tema é de suma importância, pois representou um ponto de inflexão no estilo

¹ *Modus operandi* é uma expressão em latim que significa "modo de operação". Utilizada para designar uma maneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo geralmente os mesmos procedimentos.

estadunidense de guerrear.

Para atingir o propósito desse trabalho, a metodologia empregada será a realização de estudo de casos, usando o método comparativo, após aplicarmos a técnica da teoria x realidade, expondo uma abordagem qualitativa de dados coletados em pesquisa bibliográfica e documental.

Nosso trabalho foi organizado em seis capítulos, delineados conforme descritos a seguir. Após a presente introdução, o capítulo dois abordará a nova Doutrina de Operações de Informação da Marinha, que será o principal sustentáculo teórico de nossa pesquisa, ressaltando os elementos, características e definições das OpInfo, segundo a nossa Marinha, esse arcabouço teórico será necessário ao estudarmos a Guerra do Vietnã e 1ª Guerra do Golfo. O capítulo três tem como finalidade incluir em nossa pesquisa dois teóricos estrategistas Carl Von Clausewitz e Jonh Warden, certamente esses dois teóricos enriquecerão a nossa pesquisa e nos ajudarão a contextualizar as OpPsc e ComSoc nas operações militares, realçando os aspectos e ferramentas relevantes à abordagem que desejamos alcançar.

O capítulo quatro apontará passagens pontuais da Guerra do Vietnã, com foco nas ações de ComSoc e OpPsc, analisando os procedimentos adotados e o momento geopolítico, a fim de possibilitar que algumas conclusões possam ser identificadas no ambiente informacional. Dedicaremos o capítulo cinco para estudarmos a 1ª Guerra do Golfo, sob o mesmo enfoque que utilizamos para estudar a Guerra do Vietnã.

Por fim, no último capítulo, apresentaremos as principais conclusões levantadas, apontando as diferenças, no ambiente informacional, entre as Guerras do Vietnã e a 1ª Guerra do Golfo.

O assunto em lide reveste-se de grande relevância, uma vez que vivemos em uma era onde as fronteiras físicas já não são mais limitadores entre os Estados, o que dá ao ambiente informacional um maior protagonismo.

2 A DOCTRINA DE OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO NA MARINHA DO BRASIL

Para perfeito entendimento do que são as OpInfo e suas características, o presente capítulo utilizou a Doutrina das Operações de Informação da Marinha (EMA-335) como base para situar o leitor.

De acordo com o EMA-335 (2018), o termo “Operações de Informação” é muito recente, porém, é possível afirmar que seus conceitos são utilizados há muitos anos. Analisando os diversos combates, pode-se observar que a dissimulação sempre foi utilizada durante os conflitos, para dificultar a tomada de decisão do inimigo. A doutrina propriamente dita começou a ser utilizada pelos estadunidenses em meados dos anos 80, empregando a combinação de Guerra Eletrônica, Dissimulação Militar e segurança das informações.

O EMA-335 (2018) ainda afirma que a Doutrina de “Operações de Informação” começou a ser desenvolvida em 1996, pelos estadunidenses, com a tentativa de que fosse desenvolvida uma doutrina de desenvolvimento nas áreas militares e diplomáticas que fizessem uso do “poder informacional”. Cursos foram implementados, a fim de que houvesse a formação de uma massa com conhecimento do assunto.

No intuito de facilitar a evolução desses conceitos, o capítulo apresentará os aspectos históricos da evolução das OpInfo e uma narrativa teórica de dois dos quatro ambientes em que as OpInfo transitam.

2.1 AS OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO E SUA EVOLUÇÃO

Sun Tzu (594 a. C.) em sua obra “A arte da guerra” já mencionava que:

Toda campanha militar repousa na dissimulação. Finge desordem. Jamais deixes de oferecer um engodo ao inimigo, para ludibriá-lo. Simula inferioridade para encorajar sua arrogância. Atiça sua raiva para mergulhá-lo na confusão. Sua cobiça o arremeterá contra ti e, então, ele se estilhaçará. (SUN TZU, p. 101)

O tratado militar escrito por Sun Tzu já indicava a importância da arte de dissimulação. Vale lembrar que a obra foi utilizada por diversos estrategistas militares ao longo da história.

O EMA-335 (2018) destaca que a arte de ludibriar o inimigo é fundamental para o sucesso de uma operação militar. Tal arte é caracterizada por um conjunto de ações que visam modificar o entendimento da realidade pelo inimigo, levando os seus tomadores de decisão a se comportar de acordo com os nossos interesses.

Ainda de acordo com o EMA-335 (2018), durante a II Guerra Mundial (1939 - 1945) os aliados realizaram a “Operação Bodyguard”², uma estratégia destinada a enganar os alemães quanto à data e localização dos principais desembarques dos aliados. A Operação Fortitude se dividia em duas: uma a Norte e outra a Sul. A Fortitude Norte era responsável por uma campanha de desinformação usando tráfego de rádio falso para confundir os alemães, que aguardavam um ataque contra a Noruega. Já a Fortitude Sul pretendia levar os alemães a acreditarem que o assalto anfíbio ocorreria em Passo de Calais, em Julho. Os aliados utilizaram inúmeros recursos, dentre eles, a contraespionagem, bombardeios em áreas afastadas e manipulação de mensagens. O sucesso de todas as operações de dissimulação foi visto por ocasião da Operação Overlord na Normandia, quando os alemães foram surpreendidos com o início da invasão Aliada do continente europeu em uma região e

² Operação Bodyguard – Operação realizada pelos aliados durante a II Guerra Mundial, meses antes da Operação Overlors usando desinformação eletrônica e visual para enganar os alemães

momento inesperados. Outras capacidades podem ser utilizadas de maneira a levar o oponente a tomar decisões que nos favoreça. O Almirante Cochrane descobriu os códigos de semáforos franceses durante as Guerras Napoleônicas (1792 - 1812), o que resultou, mesmo no comando de pequenos navios, em proezas notáveis e causou enormes danos à Marinha francesa, sendo apelidado por Napoleão como o maior inimigo da Inglaterra. Outro fato de destaque, foi a decodificação das mensagens dos alemães durante a II Guerra Mundial, a máquina criptográfica - Enigma vinha, até meados de 1942, obtendo enorme sucesso e sendo responsável pela perda de milhares de vidas dos países aliados, até que Alan Turing criou uma máquina ainda melhor, capaz de decifrar os códigos alemães.

Nos dias atuais, percebe-se que a velocidade das ações no ambiente informacional são muito maiores e tem um alcance mundial, principalmente devido ao advento da Internet.

Segundo o JP 3-13 Information Operations (2014), as OpInfo, tem como finalidade, durante as operações militares e em conjunto com outras linhas de operação, influenciar, perturbar, corromper ou usurpar a tomada de decisão de adversários e potenciais adversários e proteger o nosso processo de tomada de decisão. Esta definição levou a uma reavaliação de quão essencial é o ambiente de informação e como podem ser efetivamente integrados nas operações para criar efeitos e em condições plausíveis necessárias para alcançar o estado final desejado da força conjunta.

Segundo o EMA-335 (2018), no planejamento militar a célula de OpInfo normalmente é composta por pessoal com experiência nas áreas de Guerra Eletrônica, Operações Psicológicas, Guerra Cibernética e Comunicação Social.

Após o estudo histórico do surgimento das OpInfo, estudaremos nas próximas duas seções, as definições sobre Operações Psicológicas e Comunicação Social, objeto deste trabalho, de acordo com a nossa Doutrina.

2.2 COMUNICAÇÃO SOCIAL

Segundo o nosso EMA-335 (2018), a ComSoc se baseia no conjunto de ações que objetivam influenciar a opinião pública, buscando a aprovação das ações junto a sociedade.

Possui três áreas de atuação: relações-públicas, assessorias de imprensa e publicidade.

2.2.1 Relações Públicas

O EMA-335 (2018) relata que as atividades de RP consistem nas ações planejadas, a fim de estabelecer um entendimento mútuo entre uma organização e o público.

Além de divulgar informações, as RP têm como características desenvolver ações que determinam um alto nível de relacionamento com o público-alvo, respeitando as características deste público e buscando a comunicação mais efetiva possível.

Este relacionamento com o público-alvo deve ser baseado na verdade, pois deve assegurar um relacionamento baseado na confiança e na manutenção da credibilidade da organização.

2.2.2 Publicidade

O EMA-335 (2018) define a publicidade como a manipulação da comunicação, buscando promover os interesses do anunciante. As ações consistem basicamente em divulgação de marcas para consolidar públicos de interesse.

2.2.3 Comunicação Social e o Ambiente Operacional

De acordo com o EMA-335 (2018), o Comandante Operacional é responsável pela ComSoc e sua tarefa é minar a propaganda adversária e atingir nossos objetivos

estratégicos e operacionais.

Sua preocupação é que não haja comprometimento das nossas ações e que a exposição da tropa seja mitigado

As mensagens devem ser coordenadas para integrar sistemas, canais e procedimentos, a fim de sincronizar as ações e informações, gerando sinergia ente todas as Capacidades Relacionadas a Informação, que segundo o JP 3-13 (2014), significa um conjunto de ferramentas, técnicas ou atividades usando dados, informação ou conhecimento para criar os efeitos e as condições operacionais desejáveis nos ambientes físico, informativo e cognitivo, visando maximizar a letalidade e a assertividade na conquista dos objetivos operacionais.

2.3 OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

Segundo o EMA-335 (2018) e o Manual de Campanha de Operações Psicológicas do Exército Brasileiro (1999), as OpPsc constituem parte fundamental do poder. O convencimento por meio da persuasão é muito eficaz e, por vezes, mais eficiente que a aplicação da força.

Na atualidade, as OpPsc tem assumido um papel de maior protagonismo, graças à evolução dos métodos científicos de atuação sobre a motivação do ser humano e ao desenvolvimento de meios de comunicação social de alta tecnologia, que ignoram distâncias, acidentes do terreno e massas líquidas. Assim como o espaço cibernético ignora fronteiras físicas, as OpPsc, intrinsecamente ligadas à ComSoc, cedeu lugar a fronteira psicológica. Assim sendo, a opinião pública passa a fazer parte, com relevante papel, no processo de tomada de decisão nos níveis político, governamental ou militar.

O EMA-335 (2018) nos alerta que alguns cuidados devem ser tomados para que

os conceitos não sejam confundidos, a “estratégia do terror” ou a “diplomacia de intimidação dramática”, utilizadas, principalmente pelos nazistas durante a II Guerra Mundial, não são estratégias de OpPsc, pois os métodos das OpPsc são baseados nos costumes, moralidade e valores éticos.

O EMA-335 (2018) nos revela um dado de extrema relevância, o grande objetivo das OpPsc é comprometer a liderança inimiga. Além disso, buscam influenciar a vontade do oponente, gerando a sensação de insegurança, impotência e descrença no seu êxito, para levá-lo à derrota. Outro objetivo é induzir o adversário a uma falsa compreensão da situação. As OpPsc obtém a aprovação e a colaboração do Público-Alvo em favor de nossa causa, reforçando a crença dos apoiadores e cooptando os neutros e indecisos, bem como dissuadindo e convertendo os opositores. Buscam também que, o efeito dessas ações seja exatamente ao contrário em relação ao inimigo, isto é, minam o apoio do público-alvo do oponente.

Segundo o EMA- 335 as possibilidades das OpPsc, em benefício das OpInfo, são as seguintes:

- a) Propaganda;
- b) Contrapropaganda;
- c) Pesquisas de Opinião Pública;
- d) Análise dos Públicos-Alvo;
- e) Propostas na criação de temários;
- f) Obtenção de dados em coordenação com a Inteligência; e
- g) Apoio aos programas de prisioneiros de guerra e internados civis.

Com essas atividades relacionadas, as OpPsc são um importante instrumento para maximizar o potencial militar em um ambiente informacional.

As definições e conceitos acima descritos, nos permitem ter subsídios para entender a importância do ambiente informacional, principalmente, durante as ações preparatórias nos tempos de paz, evoluindo para o conflito.

No próximo capítulo, estudaremos a tríade Clausewitziana e os círculos concêntricos de John Warden, que servirão para complementar e embasar a nossa doutrina e nos darão um maior suporte para o trabalho em lide. Com todas essas ferramentas teóricas disponíveis, poderemos verificar que as OpInfo sempre transitaram nos diversos conflitos na história da humanidade, mesmo antes do surgimento de uma Doutrina.

3 TRÍADE CLAUSEWTZIANA E OS CINCO CÍRCULOS CONCENTRICOS DE JOHN WARDEN

Conforme citado no capítulo anterior, as teorias de Clausewitz , de Warden e a Doutrina de Operações de Informação serão importantes referenciais teóricos, que permitirão o estudo de dois conflitos, onde buscaremos identificar e analisar os fatos relacionados às áreas de OpPsc e ComSoc e, após isso, fazer uma análise sobre quais modificações provocaram no pensamento estadunidense.

3.1 A TRÍADE CLAUSEWTZIANA

Antes de iniciar o estudo sobre a Tríade Clausewtziana, é necessário saber um pouco sobre quem foi Carl von Clausewitz.

Nascido em 1780, morreu aos 51 anos, em 1831, antes do término de sua principal obra. Maria von Clausewitz, sua mulher, publicou o manuscrito sob o título escolhido pelo próprio Clausewitz, Da Guerra, postumamente em 1832. Escritor e soldado prussiano serviu na campanha do Reno de 1793 a 1794. Entrou para a Academia de Berlin em 1801 e ajudou a reformar o exército prussiano. Foi capturado durante a campanha de Iena e, durante o período em que serviu os russos, desempenhou um importante papel nas campanhas de Moscovo de 1812 e 1813.

Ao reintegrar-se no serviço prussiano tornou-se Chefe do Estado-Maior do corpo militar de Thielmann`s em Ligny. De 1818 a 1830 foi diretor da Academia Militar de Berlim. Quando aceitou o cargo de Diretor da Academia Militar, aos 38 anos de idade, já tinha diversas páginas anotadas sobre as suas reflexões em 25 anos de serviço ativo. Tornou-se um filósofo da guerra.

von Clausewitz ([1832]) define a guerra como um duelo em escala mais vasta onde cada adversário tenta submeter o outro à sua vontade.

Ainda segundo von Clausewitz ([1832]) a guerra não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas por outros meios. Além disso, priorizou o componente material da guerra pelo crescimento dos efetivos, diversificação dos meios e a busca da destruição do inimigo.

Coube o destaque para o crescimento dos efetivos e o forte envolvimento do povo na guerra o que passaram a evidenciar um aspecto de suma importância em sua teoria, qual seja, o aparecimento do fator psicológico no ambiente de guerra. Este fator, fortalece os elementos morais fundamentais na guerra, de modo que a coragem dos soldados e o sentimento patriótico são dois dos principais elementos morais postulados pelo general.

Do mesmo modo, o fator psicológico também é peça-chave no que diz respeito à reciprocidade da guerra, isto é, ao instinto de vingança e de retaliação. A guerra tem como objetivo imediato fazer o oponente se submeter a nossa vontade, entretanto, considerando esse fator, o inimigo também reagirá com forças maiores, levando a uma escalada na intensidade do emprego da força.

Tais fatores levam à conclusão de von Clausewitz ([1832]) de que “a guerra é um ato de relações humanas”, isto é, faz parte da existência social do homem ante a divergência de grandes e distintos interesses.

Quando von Clausewitz ([1832]) discute as forças atuantes na guerra – a Tríade paradoxal – ele observa que, nas guerras de seu tempo, era possível associar a violência ao povo, o acaso e a imprevisibilidade ao exército e a instrumentalidade da política, ao governo.

Desse modo, com o propósito de facilitar o entendimento de sua teoria, o teórico prussiano relaciona os componentes de sua Tríade a estes possíveis atores, buscando acessível

contextualização e exemplificação, de acordo com a época de sua obra. O primeiro destes três aspectos foi associado principalmente ao povo; o segundo, ao comandante e ao seu exército; o terceiro, ao governo.

Segundo von Clausewitz ([1832]), as paixões que serão inflamadas na guerra são inerentes ao povo; a liberdade de ação que o jogo de coragem e talento desfrutará na esfera da probabilidade e do acaso dependerá do caráter específico do comandante e do exército e os propósitos políticos são apenas um assunto do governo.

É importante destacar que von Clausewitz ([1832]) já possuía uma tríade associada a sua teoria, assim sendo, o conteúdo do parágrafo anterior conduziu os estudiosos a atribuírem uma segunda tríade à sua teoria, batizando-a de Tríade Secundária, para diferenciá-la da inicial, a qual passou a ser designada Tríade Primária³. Dessa maneira, essa segunda tríade ficou composta por: Povo; Exército; e Governo. Conforme pode ser visualizado na figura abaixo:

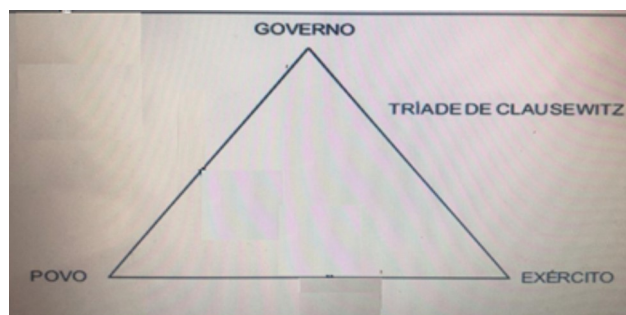


FIGURA 1 – Tríade de Clausewitz

Fonte: Manual de Operações Psicológicas EB, 2014, p. 156

Pela Tríade de von Clausewitz ([1832]), a campanha baseia-se em forças dominantes que atuam sobre todos os elementos da tríade (povo, exército e governo). A finalidade de atuação nada mais é do que a tentativa constante de anular um dos lados do triângulo, sendo assim, as

³Tríade primária - violência, o jogo da acaso e da probabilidade e seu elemento de subordinação.

ações no ambiente informacional tem um hercúleo valor para a obtenção do efeito desejado.

3.1 JOHN WARDEN E SEUS CÍRCULOS CONCÊNTRICOS

Antes de abordar a Teoria dos círculos concêntricos de Warden, é de fundamental importância saber quem foi este importante teórico contemporâneo.

Segundo Olsen (2008), John Ashley Warden III nasceu em 21 de dezembro de 1943 na pequena cidade norte-americana de McKinney, no Texas, EUA. Nascido em uma família de militares, Warden graduou-se em 1965 na Academia da Força Aérea dos EUA, iniciando uma carreira militar que perduraria por 30 anos.

Durante sua formação acadêmica, Warden chegou a repensar seu futuro na Força Aérea. Na década de 1960, as críticas negativas sobre o poder aéreo como arma preponderante sobre as demais eram muito fortes, levando Warden a meditar se a Força Aérea realmente não seria apenas mais uma arma em apoio ao Exército.

Para a sorte dos defensores das teorias de Douhet, Warden continuou sua carreira, tomando parte em várias missões no Vietnã. Piloto habilidoso e criativo, Warden rapidamente angariou o reconhecimento de seus superiores, tendo participado de mais de 260 missões de combate e 3000 horas de voo no sudeste asiático.

Olsen (2008) afirma que o Coronel John Warden adotou uma abordagem sistemática que pode decompor todos os entes estratégicos em cinco anéis concêntricos, invertendo o axioma tradicional, que vê na destruição das forças armadas adversas a missão prioritária, senão exclusiva, ele considerou “o inimigo como um sistema composto por numerosos subsistemas”

De acordo com Coutau-Begarie (2010) o elemento mais crucial do sistema para

Warden – o anel mais interno – é a liderança, estendendo-se para fora, a partir do centro e com importância decrescente, temos as funções orgânicas essenciais (redes elétricas, instalações petrolíferas), infraestrutura (sistema de transporte), população e forças desdobradas. Essas últimas sendo menos vulneráveis aos ataques diretos, porque foram preparadas para isso. Cada anel desses possui pontos de vulnerabilidade que devem ser atacados, a fim de causar a paralisia estratégica do inimigo, de modo a levá-lo a reconhecer sua derrota ou que esteja sem condições de resistir. Isto pode ser verificado segundo as palavras do próprio Warden:

As guerras são travadas para convencer a liderança inimiga a fazer o que queremos que faça, conceder algo de político A liderança inimiga concorda com o fato de que necessita fazer essas concessões políticas quando sofre ameaça de pressão intolerável contra seus centros de gravidade, tanto estratégicos quanto operacionais, ou quando sofre essa pressão de maneira real[...] (OLSEN, 2008)

Para atingir o propósito de neutralização ou destruição das vulnerabilidades dos círculos estratégicos, Warden propõe três modos principais de obrigar o inimigo a fazer a nossa vontade: as estratégias militares de custo imposto (coerção), paralisia (incapacitação) e destruição (aniquilação), todas estas estratégias envolvem a utilização da força e o seu nível dependerá dos objetivos que se quer alcançar.

Ao concluir o presente capítulo, foi estabelecido o arcabouço teórico para o estudo de dois conflitos em que os estadunidenses estiveram envolvidos e como os fatores relacionados ao ambiente informacional tiveram papel decisivo na resolução dos mesmos.

4 A GUERRA DO VIETNÃ

O presente capítulo tem por finalidade estudar a Guerra do Vietnã e sua interação com as OpPsc e ComSoc com o objetivo de pontuar a importância que o ambiente informacional teve nesse conflito.

4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

Antes de analisar o conflito, precisamos entender os principais aspectos históricos de relevância importância para a entrada dos EUA no conflito.

Segundo Magnoli (2006), a mentalidade imperialista francesa produziu, entre os anos de 1862 e 1893, a Indochina Francesa, composta pelos reinos do Cambodja e do Laos e dos três reinos vietnamitas do Tonquim (Norte), Anã (Centro) e Cochinchina (Sul), porém os franceses não contavam que surgiria uma mentalidade nacionalista no Vietnã por influência de grandes pensadores europeus. Em 1908, a França decidiu aumentar tributos na região, gerando revolta no campo e em alguns centros urbanos, que viam a necessidade de “civilizar a Indochina”, mas os franceses ignoraram a “insatisfação” dos nativos.

Com a ocupação japonesa, em 1940, os movimentos revolucionários vietnamitas foram destravados. Os comunistas vietnamitas criaram a Liga Revolucionária para a Independência do Vietnã (Vietminh) com o fim de combater o “fascismo francês e japonês”.

Magnoli (2006) descreve ainda que, apesar da ideologia comunista do Vietminh, houve um alinhamento com os EUA contra a ocupação japonesa e a França de Vichy⁴. Com a queda da França de Vichy e a declaração de guerra da França contra o Japão, em março de 1945, houve resistência da administração francesa da Indochina em receber ordens do Japão, acarretando na prisão dos rebeldes. Os japoneses decretam o fim do protetorado francês e a

⁴ França de Vichy (em francês: Régime de Vichy) é o nome comum do Estado Francês (État Français), liderado pelo Marechal Philippe Pétain, durante a Segunda Guerra Mundial. Representa a "zona livre", desocupada na parte sul da França metropolitana e o império colonial francês.

independência da Indochina, com um governo fantoche na Indochina, fato que não é reconhecido pelo Vietminh, que reage diante da interpretação de ilegalidade.

Ainda de acordo com Magnoli (2006), na Conferência de Potsdam⁵, os aliados dividem o Vietnã no paralelo 17º, com uma zona de ocupação chinesa ao norte e uma zona britânica ao sul. Houve insurreição e o Vietminh instala um governo republicano ao Norte com sede em Hanói. Os britânicos devolveram o governo do sul aos franceses e iniciou-se um período de tentativa de acordo para a unificação do Vietnã, por parte do Vietminh, mas a França não negociava honestamente.

De Gaulle deixou o poder e de forma quase instantânea as forças francesas desembarcaram em Hanói e Saigon, desmembrando a Cochinchina e formando uma república com sede em Saigon, tal ação provocou reações do Vietminh, que realizou ações terroristas contra os franceses na Cochinchina.

A manobra de crise não foi bem-sucedida e a Indochina caminhou francamente para a condição de guerra. Estava em jogo o direito do povo vietnamita à soberania nacional. O evento foi um elo das lutas de libertação nacional que ocorreram a partir do final da Segunda Guerra Mundial e desafiavam as grandes potências imperiais europeias e se estenderam ao redor do mundo, com a visão “wilsoniana” de autodeterminação dos povos e soberania das colônias.

Giap⁶ descreveu o seguinte sobre o início da guerra contra os franceses:

Será a guerra entre um tigre e um elefante. Se acaso o tigre parar, o elefante o transpassará com suas poderosas presas: só que o tigre não vai parar; ele se esconde na selva durante o dia só para sair à noite; ele se lançará sobre o elefante e lhe arrancará o dorso por grandes nacos, depois desaparecerá e, lentamente, o elefante morrerá de exaustão e de hemorragia[...] (PIKE, 1967) .

⁵ A Conferência de Potsdam - ocorreu em Potsdam, Alemanha (perto de Berlim), entre 17 de julho e 2 de agosto de 1945. Os participantes foram os vitoriosos aliados da Segunda Guerra Mundial, que se juntaram para decidir como administrar a Alemanha, que tinha se rendido incondicionalmente nove semanas antes, no dia 8 de maio, Dia da Vitória na Europa.

⁶ Giap - Comandante supremo do exército do Povo do Vietnã, que comandou as forças do Vietnã, que derrotaram o exército francês e norte-americano, logrando a reunificação do Vietnã, sob regime comunista.

Esse fato realmente se concretizou, a França enviou uma força expedicionária de 200 mil homens para combater o Vietminh. Era o “elefante” marcando sua posição em solo da Indochina, mais precisamente em Hanói, porém em quase todo o território, o espaço permanecia com o “tigre” vietnamita. A França classificou o conflito assimétrico como a “guerra suja”, um conflito sangrento e de baixa intensidade e com poucas chances de vitória para a potência europeia.

Magnoli (2006) afirma que a Guerra da Indochina se estendeu no período entre 1946-1954 e teve como protagonistas o Vietminh, o movimento de libertação nacional do Vietnã, e a França, potência colonial da Indochina.

Os aspectos geográficos foram determinantes no conflito, o Vietnã possui região de planícies, densamente povoadas, com a maioria dos grandes centros urbanos localizados no litoral e possuía uma única estrada que ligava Hanói e Saigon (atual Ho Chi Minh), além dessa região de planície, localizada na região litorânea, o Vietnã possui um território que apresenta regiões montanhosas e densamente florestadas. Montanhas são responsáveis por 40% da área terrestre do país e as florestas tropicais cobrem cerca de 40% desta área.

O Vietminh soube aproveitar muito bem as características do terreno. As forças francesas conseguiram dominar a área litorânea e as terras baixas em torno das capitais, mas mesmo com um maior poderio bélico e militar nunca conseguiram expulsar o Vietminh do cordão de planícies e regiões montanhosas.

Pós-revolução chinesa⁷ e com a assunção de Mao Tsé-tung, houve o apoio chinês ao Vietminh, fornecendo apoio logístico aos guerrilheiros, com armas que eram transportadas por trilhas nas montanhas que ligam o Vietnã do Norte à China. Este apoio foi de fundamental importância para o fortalecimento do grupo guerrilheiro.

⁷ A Revolução Chinesa foi o processo revolucionário responsável pela ascensão do Partido Comunista Chinês ao poder da China em 1949.

Giap soube organizar com sucesso os ataques contra o exército regular francês, utilizando a guerrilha como método de combate. O Vietminh tornou-se mais móvel e os franceses precisaram se adaptar a essa mudança na maneira de operar dos guerrilheiros.

Magnoli (2006) nos revela que as críticas à presença da França na Indochina aumentavam e já havia uma campanha para influenciar a opinião pública contra a Guerra na Indochina, este fato insere mais um ingrediente indesejável ao governo de Paris, que foi obrigado a romper o impasse militar.

O governo francês necessitava de uma resposta rápida e resolveu partir para a ofensiva contra o Vietminh. O local escolhido foi Dien Bien Phu, povoado localizado na região de montanhas próximo a fronteira com o Laos. O Vietminh tinha o domínio dessa região e contava com um campo de pouso, fundamental para o apoio logístico francês nessa ofensiva.

Os franceses contavam que se conquistassem a região, abririam um caminho para um confronto convencional e assim derrotariam Giap e o Vietminh, porém os guerrilheiros fizeram um cerco ao exército convencional, Giap não caiu no engodo francês e não partiu para o confronto convencional, graças a isso a França foi protagonista da maior derrota de uma potência contra uma força guerrilheira.

4.2 PERÍODOS ENTRE GUERRAS

De acordo com Magnoli (2006), no final da Guerra da Indochina, os EUA bancavam grande parte do esforço de guerra francês e só não realizou uma intervenção direta com os franceses por considerar que a derrota era iminente, o que de fato veio a ocorrer.

Na Conferência de Genebra⁸, foi tratado como encerrado o domínio francês sobre

⁸ A Conferência de Genebra (26 de abril a 20 de julho de 1954), ocorreu em Genebra, na Suíça, cujo objetivo era tentar encontrar uma forma de resolver as questões pendentes sobre a península coreana e unificar o Vietnã e discutir a possibilidade de restaurar a paz na Indochina.

a Indochina e os Estados do Vietnã, Laos e Camboja se tornaram independentes. O Vietnã passava a ser dividido pelo paralelo 17, sendo o governo do norte a República Democrática do Vietnã, com sede em Hanói, sob o governo de Ho Chi Minh, e o governo do sul, Vietnã do Sul, com sede em Saigon, sob o governo de Bao Dai. Eleições gerais deveriam ser realizadas com a finalidade de unificar o país.

Ngo Dinh Diem, um católico indicado para assumir o governo do Vietnã, conclamou os católicos do norte a atravessarem a linha divisória e se transferirem para o sul e também permitiu o movimento contrário. Ho Chi Minh aproveitou o movimento e orientou que dez mil guerrilheiros permanecessem no Vietnã do Sul

Segundo Magnoli (2006), Diem recebeu ajuda financeira e militar dos EUA, o que levou a Indochina, novamente, a rota de conflito, dessa vez por razões ideológicas face a bipolarização do mundo em virtude da Guerra Fria (1947-1989), pois a Revolução Chinesa, de ordem comunista, apoiava o governo de Ho Chi Minh no Vietnã do Norte e a política de contenção do comunismo dos EUA se estendia além da ex-URSS e chegava até o conflito na Indochina. Os dois Estados vietnamitas se alinharam às superpotências rivais. A Doutrina Truman de “contenção” da URSS temia que a unificação do Vietnã, sob domínio do governo soviético, poderia ser o início de um “efeito cascata” do ideal comunista na região.

Magnoli (2006) afirma que os guerrilheiros de Ho Chi Minh, permanentes no Vietnã do Sul, iniciaram uma campanha de terror contra os oficiais do Vietnã do Sul e realizaram diversos atos de sabotagem. As tensões entre os lados aumentaram gradativamente no período entre 1955 e 1959. Ho Chi Minh conclamou “guerra popular” no Vietnã do Sul, com a realização de ataques contra bases governamentais e estadunidenses no Vietnã do Sul. Apesar de não ter havido uma declaração formal de guerra, a mesma foi iniciada tendo de um lado as forças regulares do Vietnã do Norte e os comunistas sul vietnamitas (Vietcongues)

apoiados pela URSS e do outro o Exército do Vietnã do Sul e as forças de intervenção dos EUA.

4.3 A GUERRA DO VIETNÃ

A Guerra do Vietnã teve a duração de 15 anos (1960-1975), dividida em três fases e foi o conflito mais violento da segunda metade do século XX. A primeira fase da guerra foi iniciada em 1959 e encerrada em 1963, com o fim dos governos de Kennedy e Diem, durante este período, a Guerra no Vietnã a participação estadunidense foi de maneira indireta. Nesta fase, os estadunidenses forneceram apenas armas e conselheiros militares, que faziam o treinamento dos exércitos sul vietnamitas. Havia a crença de que, o Vietnã do Norte, acenaria para uma negociação de paz apenas pelo poderio militar dissuasório estadunidense, no entanto, com a chegada de Lyndon Johnson a Casa Branca e não havendo a rendição do Vietnã do Norte, houve uma mudança na postura estadunidense.

Essa mudança, de acordo com Magnoli (2006), iniciou a segunda fase do conflito, onde os EUA passaram, a partir de 1964, a assumir que estavam diretamente envolvidos na guerra. Foram enviados armamentos e soldados, que não conheciam a geografia local, rica em florestas tropicais fechadas e um período de chuvas intensas. Esta falta de conhecimento das características do terreno, fez com que os soldados estadunidenses tivessem grande dificuldade de adaptação. Ao contrário, os Vietcongues tinham a vantagem de conhecer bem o terreno. As técnicas de combate dos vietcongues era baseada nas táticas de guerrilha, enquanto os estadunidenses possuíam armas modernas e helicópteros.

A desvantagem geográfica contribuiu para o insucesso estadunidense no final da década de 1960, apesar de possuir vantagem tecnológica armamentos e equipamentos.

Segundo Magnoli (2006), os Vietcongues realizavam ações de sabotagem e

operações limitadas contra alvos não primários, já os EUA utilizavam a estratégia de bombardeios intensos contra as infraestruturas, bases e a trilha Ho Chi Minh. As batalhas não eram constantes e quase sempre envolviam as forças estadunidenses contra as forças inimigas do Vietnã do Sul.

Os estadunidenses seguiam a estratégia de “busca e destruição” de forças inimigas ao Vietnã do Sul, respeitando o paralelo 17, a fim de evitar que outras duas potências como China e URSS se envolvessem diretamente no conflito. Esta estratégia defensiva estadunidense e os bombardeios na trilha Ho Chi Minh não foram bem-sucedidos, apesar da intensificação dos bombardeios entre 1966 e 1967. Os danos colaterais aumentaram na proporção da intensificação dos bombardeios.

Magnoli (2006) afirma que, os constantes danos colaterais ocorridos durante a guerra sepultaram a carreira política de Lyndon Johnson, que não conseguiu a reeleição em 1968.

Com a vitória de Nixon em 1969, a terceira fase da Guerra do Vietnã foi iniciada, esta fase durou até 1973 com a assinatura dos Acordos de Paz de Paris⁹ e o início da retirada das tropas dos EUA, mas a Guerra prosseguiu até 1975 quando as tropas do Vietnã do Norte entraram vitoriosas em Saigon.

No estudo do conflito, é perceptível que o governo estadunidense possuía grande fragilidade, que foi explorada de maneira inteligente no ambiente informacional pelos guerrilheiros, deteriorando o lado da tríade clausewtiana que trata do governo.

Após os estudos dos aspectos históricos e um breve resumo sobre a Guerra do Vietnã, buscaremos nas próximas seções analisar alguns aspectos do conflito e sua associação

⁹ Acordos de Paz de Paris (ou Acordo de Paris para o Fim da Guerra e Restauração da Paz no Vietnã) foram assinados em 27 de janeiro de 1973 pelos governos da República Democrática do Vietnã (Vietnã do Norte), a República do Vietnã (Vietnã do Sul) e os Estados Unidos da América, além do Governo Revolucionário Provisório (PRG) que representou os revolucionários norte-vietnamitas (o vietcongue).

com o ambiente informacional.

4.4 A LIDERANÇA DE HO CHI MINH

Segundo Magnoli (2006), Ho Chi Minh viveu entre os anos de 1890 e 1969, foi um líder comunista e principal articulador das questões vietnamitas contra a colônia em busca da soberania do Estado do Vietnã. Sua formação foi na França, onde aderiu à Internacional Comunista¹⁰. Após a I Guerra Mundial foi convocado por Moscou para realizar uma série de treinamentos e, em 1924, foi enviado para Cantão, na China, onde se uniu a um grupo de nacionalistas exilados do Vietnã. Deixou a China depois que as autoridades chinesas descobriram as atividades comunistas que estavam ocorrendo em seu Estado.

Após alguns anos, Ho Chi Minh voltou para China e fundou o Partido Comunista vietnamita, mas foi preso pela polícia britânica e, depois de ser colocado em liberdade em 1933, permaneceu na URSS recuperando-se de uma enfermidade. Após a recuperação novamente retornou para a China e tornou-se um conselheiro da militância armada comunista.

Durante a II Guerra Mundial e com a invasão japonesa ao Vietnã em 1940, o movimento revolucionário ressurgiu e Ho Chi Minh se reuniu com o Vietminh, com a bandeira de combate ao “fascismo francês e japonês”. Com a rendição do Japão, ao término da II Guerra Mundial, o Vietminh tomou o poder e declarou a independência do Vietnã com Ho Chi Minh se tornando o presidente, apesar da resistência francesa.

Em seu discurso de independência, Ho Chi Minh falou em francês e, de acordo com Magnoli (2006) declarou que “a Revolução Francesa e a Comuna de Paris para inscrever a soberania vietnamita nos marcos dos princípios de liberdade e igualdade.”

¹⁰ Internacional Comunista (do inglês Communist International) (Comintern) ou (Komintern) (do alemão Kommunistische Internationale) ou também conhecida como Terceira Internacional (1919-1943), foi uma organização internacional fundada por Vladimir Lenin e pelo PCUS (bolchevique), em março de 1919, para reunir os partidos comunistas de diferentes países.

Ho Chi Minh era um grande líder para o povo vietnamita e manteve sua liderança nos dois conflitos, contra a França e, posteriormente, contra os EUA, neste último, apesar da fragilidade de sua saúde. Ho Chi Minh possuía qualidades pessoais como simplicidade, integridade e determinação que eram muito admiradas por seu povo, além disso, era a verdadeira alma da luta do Vietnã por sua independência.

Conclui-se com o que foi estudado que, de acordo com Warden e seus círculos concêntricos, era extremamente difícil para os estadunidenses atingir o centro de gravidade da liderança no Vietnã, por todas as características que Ho Chi Minh possuía. Os estadunidenses realizaram diversos bombardeios em infraestruturas e atingiram de forma colateral a população civil do Vietnã, inclusive com a utilização de armas químicas, porém mesmo atingindo dois círculos mais externos, os estadunidenses não conseguiram enfraquecer a liderança do líder norte-vietnamita.

No artigo de Gregório Díaz Ducca, que traduziu o “testamento de Ho Chi Minh”, em 10 de maio de 1969, podemos destacar de maneira holística, analisando alguns trechos do testamento, a evidente liderança e o poder de persuasão de Ho Chi Minh:

Independentemente das dificuldades e dos contratempos que apareçam, nosso povo está confiante de que obterá a vitória total. Os imperialistas dos Estados Unidos certamente terão que renunciar. Nossa pátria certamente será unificada. Nossos compatriotas no Sul e no Norte certamente serão reunidos sob o mesmo céu. Nós, que somos uma nação pequena, obtemos a mais honrosa medalha por haver derrotado, através de uma heroica luta, dois grandes imperialismos: o francês e o norte-americano, assim como por termos dado uma valiosa contribuição ao movimento mundial de liberação nacional ... Meu maior desejo é que nosso Partido e nosso povo, unindo estreitamente seus esforços, construam um Vietnã pacífico, reunificado, independente, democrático, próspero e que dê uma valiosa contribuição à revolução mundial.

De acordo com Magnoli (2006), Ho Chi Minh faleceu de um problema cardíaco em setembro de 1969, porém mesmo com sua morte a herança de sua liderança permaneceu firme e a vontade de lutar dos Vietcongues não reduziu.

Além de Warden, que destaca a liderança adversária como um fator de extrema

relevância para a obtenção da vitória, observa-se que o EMA-335 (2018) também enfatiza que minar a liderança do adversário é uma condição fundamental para o sucesso na campanha, talvez este tenha sido o pensamento estadunidense no início do conflito, porém a liderança inimiga era muito consolidada, fato que não poderia ter sido descartado pela potência estadunidense, assim sendo, de acordo com o embasamento teórico, haveria uma enorme dificuldade em alcançar o sucesso na guerra por meio do atingimento da liderança. O líder Ho Chi Minh, representante do governo vietnamita, por todas as suas características, representava um lado bem forte na tríade clausewtiana.

Na próxima seção estudaremos o momento geopolítico vivido na época da Guerra do Vietnã, este estudo nos servirá de apoio para fazermos a comparação da evolução das Operações de Informação até a Guerra do Golfo.

4.5 O MUNDO BIPOLARIZADO

A divisão do Vietnã entre Norte e Sul pelo paralelo 17, de acordo com Magnoli (2006), era além de uma divisão geográfica, uma divisão ideológica entre o comunismo da URSS e o capitalismo dos EUA.

Segundo Blainey (2007), a forte posição do comunismo após a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) se tornou um desafio para os ocidentais, pois a URSS, com um grande poderio bélico, controlava um extenso território na Europa e Ásia.

Nesse viés Pike ([1967]) destaca que as relações entre a guerrilha e a China Comunista inicialmente era intangível, mas tornava-se cada vez mais tangível com o fornecimento de armas e munições para os Vietcongues, levadas para o Vietnã do Sul pela trilha Ho Chi Minh, além disso, era notório que a China fazia propaganda dos guerrilheiros para o mundo, utilizando bem a ferramenta doutrinária da Comunicação Social.

Pike ([1967]) segue destacando que a relação com a URSS era uma relação fraterna, porém distante, com um irmão poderoso e bem-sucedido. A URSS também dava publicidade aos rebeldes e tinham uma posição em que qualquer resultado que não fosse a vitória estadunidense ou do Vietnã do Sul a beneficiaria.

Os Vietcongues tinham como manter uma dualidade na postura comunista para agradar Pequim e Moscou, de forma que adotaram uma postura mais séria do marxismo-leninismo típica dos chineses ou postura mais suave de coexistência pacífica de Moscou.

Essa aproximação do Vietnã do Norte com as potências comunistas limitou as ações estadunidenses ao paralelo 17, pois o conflito contra a guerrilha poderia envolver diretamente a URSS e a China Comunista e a guerra tornar-se nuclear. Sendo assim, as ações estadunidenses eram defensivas de “busca e destruição” das forças inimigas no Vietnã do Sul.

As motivações das forças envolvidas também eram diferentes, segundo Schubert e Kraus (1998), o perfil dos soldados estadunidenses era, quase em sua totalidade, de jovens entre 18 e 19 anos conscritos e sem experiência, já Pike ([1967]) descreveu que os soldados dos Vietcongues eram mais experientes e tinham uma motivação maior, pois lutavam pela soberania e reunificação do Estado vietnamita. Os soldados estadunidenses tinham como principal tarefa realizar as ações de contenção ao comunismo. Conclui-se que o fator motivacional era um fator de vantagem para o Vietnã do Norte, que lutavam por uma causa de grande nobreza para o seu povo, analisando esse fator, observamos que o lado da tríade clausewitana que representa o exército, tinha fragilidade no lado estadunidense e grande força para os vietnamitas.

4.6 EFEITO CNN

Durante a Guerra do Vietnã, um fato que talvez tenha sido um dos grandes responsáveis pela derrota estadunidense foi o chamado “Efeito CNN”. Esse efeito consistiu das transmissões da guerra para a população estadunidense, com a tentativa de manipulação da opinião pública contra a guerra. Fator de grande relevância, o Efeito CNN é destaque no Manual de Operações Psicológicas do Exército Brasileiro (2014), onde é relatado que o líder vietnamita Ho Chi Minh sabia da importância psicológica que esse efeito produzia que declarou: “A guerra do Vietnã ganharei nas ruas dos EUA”.

A partir de agora, estudaremos alguns eventos ocorridos na Guerra do Vietnã relativos ao poder da Comunicação Social e sua relação direta com as Operações Psicológicas para evitar o fratricídio da informação.

4.6.1 A impotência do poderio militar estadunidense

De acordo com Magnoli (2006), os B-52 estadunidenses intensificaram muito os bombardeios, houve um grande lançamento de bombas, que traziam danos colaterais como baixas civis e bombas em povoados, além disso, esses bombardeios eram feitos com agentes químicos tipo napalm que tinham como função abrir clareiras nas florestas. Além disso, na maioria dos conflitos diretos entre os estadunidenses e vietcongues, a grande maioria das baixas eram dos vietcongues, pois o poderio bélico estadunidense era muito maior. Em várias batalhas como a Operação Junction City, a Batalha de Con Thieu e em Dak To esse cenário foi repetido, porém as críticas da opinião pública começaram a surgir.

Magnoli (2006) ainda destaca que, em 1968, cerca de cinco mil fuzileiros navais estadunidenses foram cercados na base aérea estadunidense de Khe Sanh por 77 dias. A mídia explorou o fato como um “novo Dien Bien Phu”, porém o poderio militar estadunidense

provocou a baixa de um enorme número de Vietcongues e a posição dos EUA foi mantida, ainda assim, as pesadas críticas aumentaram e a exploração da mídia geraram um grande desgaste político.

4.6.2 Ofensiva do Tet

Magnoli (2006) afirma em seu livro que o Tet é o principal feriado vietnamita e todos os anos de combate havia uma trégua de 36 horas, porém, em janeiro de 1968, os Vietcongues interromperam unilateralmente a trégua e realizaram uma série de ofensivas contra o exército estadunidense, o objetivo era que houvesse uma série de insurreições incontroláveis, mas as mesmas não ocorreram e a ofensiva militar dos Vietcongues foi um verdadeiro fracasso, porém os combates realizados nas ruas do Vietnã do Sul transmitidas para os EUA desgastaram a propaganda do governo e o sentimento era de que a guerra não estava sendo ganha. Os combates tiveram a duração de um mês nas ruas de Saigon e o exército estadunidense conseguiu restabelecer a ordem e retomar a cidade.

Depreende-se desse fato que apesar da vitória tática do exército estadunidense, as imagens dos conflitos transmitidas ao vivo, provocaram um impacto enorme na opinião pública e foi a grande responsável para a quebra da tríade clausewtziana, pois povo, exército e governo já não se encontravam unidos pelo vértice, uma das razões que levou os estadunidenses a programarem a sua retirada da guerra.

Podemos visualizar a quebra dessa tríade na imagem abaixo, retirada do Manual de Operações Psicológicas do Exército Brasileiro (2014):

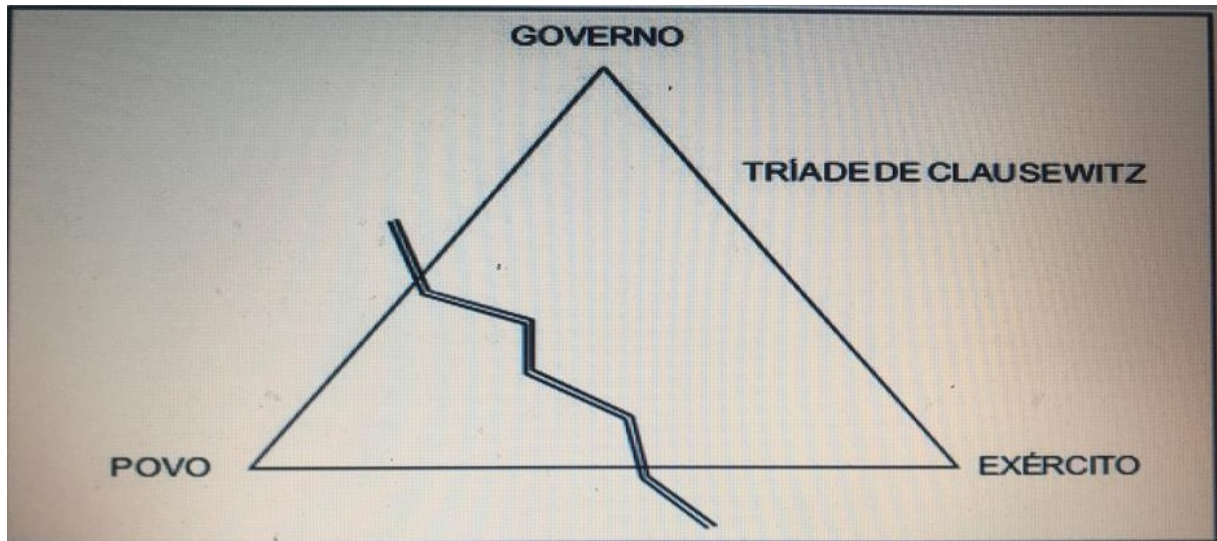


FIGURA 1 – Resultado da Tríade de Clausewitz estadunidense pós-Guerra do Vietnã
Fonte: Manual de Operações Psicológicas EB , 2014, p. 156

Após pontuar a importância das OpPsc e ComSoc na Guerra do Vietnã, estudaremos, no próximo capítulo, a 1ª Guerra do Golfo sob o prisma do ambiente informacional.

5 A 1ª GUERRA DO GOLFO

O presente capítulo tem por finalidade estudar a 1ª Guerra do Golfo, e de forma semelhante ao que foi feito no capítulo anterior, sua interação com as OpPsc e ComSoc com o objetivo de pontuar a importância que o ambiente informacional teve nesse conflito.

5.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

Para analisar o conflito, faremos inicialmente, no presente trabalho, uma abordagem histórica de forma que o conflito possa ser compreendido.

A Guerra Irã x Iraque teve oito anos de duração e, segundo Schubert e Kraus (1998), o conflito, encerrado em 1988, teve ambos os contendores sofrendo enormes perdas, porém declarando a vitória sem, no entanto, haver conseguido controle do Shatt al Arab¹¹.

Essa longa duração do conflito, demonstrou aos contendores que poderiam manter um esforço de guerra por um longo período, mesmo com muitas baixas. Os ocidentais tinham muito receio da Revolução Iraniana e, de acordo com Waack (2006), os EUA sempre tiveram um papel de conter atores locais que pudessem gerar instabilidade na região, por isso o Ocidente cortejou o ditador Saddam Hussein por, pelo menos, uma década, num esforço de contenção da ameaça iraniana.

Schubert e Kraus (1998) declararam que o fim da guerra deixou o Iraque com um sentimento de extrema força e aparente coesão nacional, muito em consequência da crença da vitória na guerra, pois tinham defendido os interesses árabes contra a ameaça persa, além disso, o Iraque tornou-se um dos maiores produtores de petróleo da região, fato que o deixava com um papel de destaque regional.

Segundo Schubert e Kraus (1998), esse protagonismo contrastava com a debilidade da capacidade industrial iraquiana, seriamente comprometida com o longo período

¹¹ Shatt al-Arab é um rio de cerca de 200 km de extensão, formado pela confluência dos rios Eufrates e o Tigre na cidade de al-Qurnah na província de Basra, no sul do Iraque- fronteira com o Irã.

de guerra contra o Irã. Além disso, seu prestígio econômico encontrava-se muito prejudicado, tornando-o muito dependente de seus vizinhos, fato que já era observado durante a guerra, apesar das duras críticas iraquianas pelo apoio considerado insuficiente.

Waack (2006) declara que o Iraque considerava o vizinho rico Kuwait como parte do seu território e, com todas as dificuldades enfrentadas pelos iraquianos, era normal considerar a invasão do Kuwait, pois além da fragilidade militar do vizinho, o Iraque precisava vender petróleo com preço elevado e os sheiks do Kuwait ultrapassavam a cota da OPEP, além da cobrança dos elevados empréstimos que haviam feito ao Iraque no período da guerra contra o Irã. Além do exposto, o Iraque reivindicava poços de petróleo próximo à fronteira entre os dois Estados e alegava que o Kuwait estava “roubando” seu petróleo.

Na visão iraquiana, a guerra contra o Irã foi um serviço prestado a todos os países árabes, assim sendo, achava inaceitável que houvesse cobrança da dívida contraída na guerra. Diante de todo esse cenário e com a convicção de que os EUA não interviriam no conflito, o Iraque invadiu o Kuwait em 02 de agosto de 1990.

Schubert e Kraus (1998) declararam que os EUA tinham grande interesse na região e viviam no período de Doutrina Carter¹², o que culminou com a ação militar formada por uma grande coalizão, tendo em vista que a grande maioria das nações se opunha à invasão ao Kuwait.

5.2 A GUERRA DO GOLFO

Segundo Waack (2006), a Guerra do Golfo teve uma duração rápida, entre 02 de agosto de 1990 e 28 de fevereiro de 1991, e colocou em prática um novo conceito de guerra convencional, em que a tecnologia passou a ser um fator determinante, favorecendo os

¹² Doutrina Carter foi uma política proclamada pelo Presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter em seu discurso sobre o Estado da União em 23 de janeiro de 1980, que afirmava que os Estados Unidos usariam a força militar, se necessário, para defender seus interesses nacionais no Golfo Pérsico.

exércitos ocidentais. Os elementos das grandes transformações, na era da revolução da informação, foram utilizados de maneira muito bem-sucedida nesse conflito.

A melhoria tecnológica dos mísseis e canhões anunciava um novo conceito de combate convencional, os sistemas de comando e controle permitiram aos comandantes tomar decisões no desenrolar dos acontecimentos.

O grande poderio aéreo estadunidense, aliado ao sistema preciso de suas armas, permitiu a eliminação de pontos de importância operacional, apesar de alguns danos colaterais.

A diferença nos exércitos, no uso da tecnologia e da propaganda foi determinante para o resultado do conflito, os EUA resolveram a questão de forma expedita e o Kuwait obteve a sua liberdade.

5.3 A QUESTIONÁVEL LIDERANÇA DE SADDAM HUSSEIN

Segundo Waack (2006), durante uma década, Saddam Hussein foi bajulado por ocidentais compradores de petróleo e vendedores de armas, pois era visto como alguém capaz de contribuir para a política de contenção ao Irã, assim, mesmo sendo um ditador sunita, que era a minoria no Iraque xiita, achava-se protegido pelos EUA, pois seu regime teria sido derrotado, caso Washington não tivesse realizado uma intervenção na primeira metade da Guerra contra o Irã.

Schubert e Kraus (1998) afirmam que Saddam Hussein ignorava o fato da reafirmação da Doutrina Carter e contava com a não intervenção dos EUA na invasão ao Kuwait. Internamente, o líder iraquiano aniquilava opositores pertencentes aos movimentos xiitas e curdos, que pretendiam derrubá-lo do poder ou obter a independência. Apesar disso, ainda era venerado por alguns, devido a sua agressividade contra Israel, incluindo o ataque

com mísseis em alvos israelenses.

Um líder forjado para conter o Irã, esse era Saddam Hussein, um ditador cruel que não poupava dissidentes e se mantinha no poder pela força da sua ditadura. Considerando Warden e a sua teoria da paralisia estratégica, não seria um problema para as tropas estadunidenses atingir a liderança iraquiana, assim sendo, a concentração no bombardeio das infraestruturas críticas (instalações das lideranças), funções orgânicas essenciais e infraestruturas (sistemas de comunicação e eletricidade iraquiana) foram suficientes para o início da campanha, somente na segunda fase houve a preocupação em atingir as forças desdobradas, além disso, a tríade clausewitziana do Iraque (povo, governo e exército), possuía lados muito frágeis.

Os planejadores estadunidenses tinham a exata noção da frágil liderança do ditador iraquiano e antes do início do conflito, segundo Kellner (2001), o governo de George W. Bush realizou uma das mais bem-sucedidas campanhas de relações-públicas da história, com a finalidade de manipular a opinião pública contra Saddam e obter apoio para a guerra. Em agosto de 1990, o jornalista Patrick Tyler publicou no jornal Washington Post que o ditador iraquiano, em reunião com o encarregado de negócios norte-americano, Joseph Wilson, afirmou que o Kuwait era território do Iraque, além disso, se mostrou beligerante, não tinha a intenção de negociar e a Arábia Saudita seria invadida se os oleodutos de transporte de petróleo iraquiano para o Golfo fossem interrompidos, Tyler afirmou que o ditador iraquiano declarou que “as areias do deserto se tingiriam de sangue norte-americano”, caso os EUA mandassem tropas para a região.

Posteriormente, essa versão foi desmentida e houve a divulgação que a postura do ditador iraquiano tinha sido extremamente cordial, ele havia dado indícios de que tinha a intenção de negociar, não pretendia invadir a Arábia Saudita e abriu as portas para a solução

diplomática da crise.

Porém, o poder da desinformação foi fundamental para desgastar ainda mais a imagem do ditador e importante para buscar a legitimidade da Guerra do Golfo para a libertação do Kuwait.

5.4 A POTÊNCIA HEGEMÔNICA E A DIFERENÇA ENTRE OS EXÉRCITOS

Segundo Byers (2007), durante a Guerra Fria, o CSONU quase não exerceu o poder de autorizar o emprego da força em face da bipolaridade em que o mundo vivia, porém o período de inatividade coincide exatamente com o término da Guerra Fria e com a invasão do Iraque ao país vizinho Kuwait. A Operação Tempestade no Deserto¹³ foi muito bem-sucedida, não só militarmente, mas do ponto de vista político, pois o presidente George H. W. Bush declarava com orgulho sobre a “nova ordem mundial”, multilateral global e com a hegemonia dos EUA, era uma demonstração de grande força do lado governo da tríade de Clausewitz.

Segundo Waack (2006), a guerra teve seu início em um mundo que estava deixando de existir, pois não seria possível imaginar a coligação de potências com a cooperação dos ex-adversários poderosos antes da queda do Muro de Berlim em 1989, este fato foi mais um agravante para a situação iraquiana, pois EUA e a ex-URSS não se encontravam mais em lados opostos.

Hegemônico no mundo e com farto poderio bélico, os estadunidenses tinham superado, segundo Schubert e Kraus (1998), sérios problemas em seu exército, tais como a indisciplina, o abuso de drogas e o treinamento insatisfatório.

O exército estadunidense havia sido reaparelhado, o padrão de recrutamento tinha

¹³ Operação Tempestade no Deserto - no dia 17 de janeiro de 1991, soldados de 31 países aliados iniciaram uma ofensiva contra o Iraque, em represália à invasão daquele país no Kuwait, em 2 de agosto do ano anterior.

critérios elevados e era formado por voluntários, a disciplina e treinamento obedeciam a alto padrão de qualidade. Em 1990, o exército estadunidense era moderno, altamente treinado, bem liderado e confiante, segundo Clausewitz [(1832)], o exército também era um lado forte na tríade.

Com a demonização de Saddam Hussein, desenvolvida por meio das ações de Comunicação Social feita pelos EUA, houve a aderência, segundo Schubert e Kraus (1998), da população ao conflito, que apoiou os aliados das mais diversas formas e, como consequência, a formação do último lado do tríade de Clausewitz, bem sólido e pronto para o desafio no Golfo Pérsico.

Ao estudarmos o lado iraquiano, verificamos uma situação diametralmente oposta. O povo iraquiano, de maioria xiita, era governado por Saddam Hussein, um sunita cruel. No norte, vivia o grupo étnico dos curdos, que pleiteavam uma separação do Iraque para a formação do Curdistão, fato que Saddam ignorava completamente.

No que se refere ao exército, segundo Waack (2006), nunca houve um general de grande destaque, pois Saddam concentrava todo o poder, muitas vezes por falta de confiança em seus subordinados, este fato foi desastroso para a campanha, pois a falta de comunicação devido aos bombardeios que prejudicaram o comando e controle, isolaram o exército e tornou lento o processo de tomada de decisão.

Além disso, Saddam promoveu uma divisão no exército, decisão que mostrou-se muito infeliz, pois as tropas de elite, formadas por sunitas, passaram a formar a Guarda Republicana, com material melhor e mais bem equipada e o exército convencional, formado, sobretudo, por xiitas mais pobres da periferia de Bagdá. Saddam não confiava nessa parcela do exército, por serem de maioria xiita. Péssimo estrategista, Saddam posicionou o exército convencional em trincheiras mal feitas no Kuwait, aguardando o assalto anfíbio das tropas

aliadas no litoral, que não ocorreu, e a Guarda Republicana, com modernos carros de combate, posicionados mais próximos a capital.

Waack (2006) relata que o exército convencional de Saddam era composto de elementos mal preparados, com deficiências alimentares e com armamentos obsoletos, além do mais, esse exército encontrava-se exausto após oito anos de combates contra o Irã. Para complicar ainda mais a situação, houve uma rebelião dos convencionais xiitas contra o governo, inserindo mais uma variável no problema militar do Iraque. O exército convencional tinha como grande preocupação a sobrevivência, em uma guerra que para eles não tinha sentido. Uma parcela dos soldados do exército convencional se renderam para helicópteros e outros até mesmo para jornalistas.

Conforme já citado anteriormente, os EUA tinham grande vantagem na comparação entre as tríades com o Iraque, e os estadunidenses souberam utilizar muito bem essa vantagem, principalmente no ambiente informacional, que é a maneira mais eficiente de derrubar um dos lados do triângulo.

5.5 O PODER E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA GUERRA

De acordo com Kelnner (2001), a mídia foi uma grande aliada dos estadunidenses na Guerra do Golfo, tornou-se o grande canal de mobilização das ações estadunidenses, poucos veículos de comunicação se opuseram às ações no Iraque e não foram identificados debates significativos de condenação às questões governamentais.

O governo Bush exerceu um grande controle do que era veiculado na mídia, muito embora tenha sido um conflito com diversas transmissões de imagens e acontecimentos ao vivo, o acesso ao Teatro de Operações foi severamente restrito (pool), além de um sistema de desinformação e propaganda criado para beneficiar os aliados.

Kelner (2001) afirma que um exemplo dessa campanha de desinformação foi a divulgação, ainda no período de crise, da existência da mobilização de tropas iraquianas na fronteira da Arábia Saudita, dispostas a invadir o reino aliado dos EUA, apesar de posteriormente ter sido verificado que a informação era falsa, no período pré-conflito, a propaganda e a desinformação bem-sucedida legitimaram o envio de tropas à Arábia Saudita e às ações no Iraque.

A ideia de uma “nova e melhor ordem mundial” e do cumprimento de uma decisão da ONU foi utilizada para convencer a opinião pública internacional da necessidade do conflito.

Todo esse sistema de desinformação e propaganda negativa tornou inevitável uma solução diplomática para a crise no Golfo, pois as reportagens pró-guerra exerciam uma influência muito maior. A mídia relatou a guerra como um conjunto de ações heroicas dos estrategistas estadunidenses contra os vilões iraquianos, segundo Kelner (2001), a Guerra do Golfo foi apresentada como um “filme de guerra com começo, meio e fim”

Segundo Carlos Santos Pereira (2002), ao término do conflito, houve uma grande crítica contra a cobertura superficial, reportagens sem contexto e a manipulação da opinião pública. Na Guerra do Golfo foi identificada uma tentativa de criar regras para a cobertura da mídia em um conflito armado.

Após o término do presente capítulo, já temos ferramentas para realizar no próximo capítulo a comparação entre a Guerras do Vietnã e as diferenças no ambiente informacional com a Guerra do Golfo e finalmente tentar responder ao questionamento sobre “em relação às estratégias utilizadas na Guerra do Vietnã, no ambiente informacional, pode-se afirmar que foram fundamentais para o insucesso da campanha, quando comparado com as ações realizadas na 1ª Guerra do Golfo?.

6 CONCLUSÃO

Ao analisarmos os dois conflitos em lide, precisamos entender as diferenças geopolíticas nos períodos em que as guerras foram realizadas. Se na Guerra do Vietnã vivíamos no auge da Guerra Fria, com um mundo bipolarizado, onde as ações eram limitadas e não havia intervenções do CSONU, na 1ª Guerra do Golfo o momento geopolítico era completamente distinto, pois a Guerra Fria tinha acabado de encerrar e os EUA se apresentavam como potência hegemônica e polícia do mundo. O CSONU iniciou um período mais ativo e emitiu a primeira Resolução pós-Guerra Fria para a solução da situação envolvendo a invasão do Kuwait pelo Iraque. Nesse contexto, fazermos uma análise comparativa no ambiente político e estratégico entre os dois conflitos seria inadequado, pois a realidade global era diferente, porém esse fato não nos impede de compararmos o resultado das ações no campo operacional, principalmente quando estas envolvem o ambiente informacional.

Uma primeira abordagem comparativa pode ser feita utilizando as lideranças inimigas estadunidenses nos dois conflitos. O nosso EMA-335 relata que o grande objetivo das OpPsc é comprometer a liderança inimiga, para Jonh Warden a liderança inimiga também é de suma importância para atingir a paralisia estratégica adversária. Ao analisarmos as lideranças do Vietnã, com Ho Chi Minh, e a do Iraque, com Saddam Hussein, verificamos em Ho Chi Minh um líder que possuía atributos pessoais que o faziam ser admirado por seu povo, além disso, era a verdadeira alma da luta pela liberdade do Vietnã, sendo assim, mesmo com a sua morte no meio da guerra, a vontade de lutar dos vietnamitas não reduziu, até pela força de suas palavras. Do outro lado temos Saddam Hussein, que foi um líder criado para atender os interesses do Ocidente, no esforço de contenção do Irã. Saddam era um ditador cruel, que fazia parte de uma minoria étnica e não possuía um rol de pessoas confiáveis ao seu redor, isto posto, verificamos que a liderança iraquiana era muito mais enfraquecida em relação a Ho

Chi Minh, o que trazia uma vantagem no que tange aos efeitos psicológicos para Ho Chi Minh.

Ho Chi Minh soube fazer um bom uso da guerrilha que, apesar de perder um número de maior de soldados nos confrontos diretos, sempre fustigavam os estadunidenses, além disso, o fator motivacional do exército vietnamita de lutar por sua soberania o fazia não fugir do combate inimigo, a nossa doutrina (EMA-335) ressalta muito bem a motivação do ser humano como um fator psicológico importante a ser considerado em batalha, sendo assim, concluímos que o binômio exército-governo do Vietnã do Norte estava muito bem alinhado.

Saddam Hussein, como dito anteriormente, era da minoria sunita do Iraque, isto o levou a ser um grande centralizador por não confiar nos seus generais mais próximos. Por ocasião da Guerra do Golfo e com o bombardeio estadunidense que destruiu a estrutura de comando e controle do Iraque, Hussein teve grandes dificuldades em girar de maneira mais rápida o ciclo decisório, fator que prejudicou muito a resistência do Iraque, além disso, como péssimo estrategista, Saddam dividiu o seu exército e privilegiou os sunitas, fato desastroso, pois a linha de frente composta por xiitas era mal treinada e equipada e sua única motivação era a sobrevivência, o binômio exército-governo não possuía o mesmo alinhamento que foi observado no Vietnã, fato que aumentava a vantagem do Vietnã em relação ao Iraque.

Fazendo a análise do fator povo dos dois Estados, verificamos que o Estado do Vietnã lutava por sua independência e soberania, isto agrega um valor motivacional muito grande quando analisamos esse aspecto do povo vietnamita, muito diferente do Iraque, que era de maioria xiita e tinha um cruel sunita como chefe do seu Estado. Isso gerou insurreições no Iraque, fato que foi muito bem explorado pelos estadunidenses na 1ª Guerra do Golfo. Estudado esse fator chegamos à tríade clausewtiana do Vietnã e do Iraque e observamos que a tríade iraquiana era muito frágil, fato que ficou comprovado no desenrolar do conflito com a

facilidade que os estadunidenses tiveram para desmontar a tríade iraquiana, utilizando sobretudo, as ferramentas do ambiente informacional, pois são as mais eficazes para a quebra da tríade.

Ao analisarmos os fatores de ComSoc dos conflitos, associados aos efeitos psicológicos diretamente associados a esses fatores, depreendemos que houve uma disrupção no estilo estadunidense de fazer a guerra. A Guerra do Vietnã foi caracterizada por imagens e exploração da mídia no conflito como fator decisivo, pois houve uma manipulação para que a opinião pública se posicionasse contra o conflito, já que as imagens que chegavam até os EUA sempre impactavam negativamente a população, que se perguntava qual seria a razão da guerra e em determinados momentos tinham a falsa sensação de que os estadunidenses estavam perdendo a guerra. Esse fator foi muito bem explorado pelo líder Ho Chi Minh, que declarou que os EUA perderiam a guerra em seu próprio solo, graças as manifestações contrárias à guerra. Esse desgaste, provocado pela mídia, provocou uma grave crise política e culminou com a retirada dos EUA do conflito, apesar de seu poderio bélico e do tamanho do exército.

Quando verificamos a evolução ocorrida na 1ª Guerra do Golfo, podemos perceber que desde antes do conflito havia uma campanha de desinformação e contrapropaganda, que desgastaram ainda mais a imagem do ditador iraquiano Saddam Hussein. Esse processo pré-conflito foi tão intenso que não houve alternativa diplomática, levando os estadunidenses ao conflito, cabe destacar a ingenuidade do líder iraquiano, pois ele contava com a neutralidade estadunidense quando invadiu o Kuwait, fato que era pouco provável de ocorrer, tendo em vista os interesses estadunidenses na região. A tríade clausewtiana estava totalmente favorável aos estadunidenses graças a uma sólida campanha de ComSoc. Povo, exército e governo eram uníssonos na necessidade de libertar o Kuwait das

mãos do sanguinário ditador. E com esse grande apoio, os EUA foram para o conflito e durante o mesmo realizaram algo diferente do que foi feito na Guerra do Vietnã, pois cada imagem era selecionada pelo governo, que não tornava ostensiva a presença da imprensa do Teatro de Operações. Apesar do apoio, essa postura gerou algumas críticas, pois a precisão das armas inteligentes estadunidenses ainda geravam alguns danos colaterais que não foram explorados pela mídia.

É possível observar que após a derrota estadunidense no Vietnã, diversas foram as mudanças ocorridas. O mundo também tornou-se diferente da época do conflito no sudeste asiático, de certa forma, o ambiente informacional teve uma significativa parcela de contribuição para um melhor desenrolar das ações em todos os níveis na Guerra do Golfo, porém é extremamente difícil afirmar que o insucesso no ambiente informacional na Guerra do Vietnã, que gerou lições aprendidas colocadas em prática na campanha do Golfo, foram determinantes para que os EUA obtivessem pleno êxito no Oriente Médio. É necessário estudar outros conflitos para que possamos ter a precisão na resposta a esta pergunta. O fato é que a guerra é fenômeno complexo e as OpInfo estão inseridas nela, assim sendo fazem parte do contexto guerra, o que não as torna um fator primordial.

Sugere-se, como uma possibilidade de pesquisa futura, investigar se em outras guerras as OpInfo foram determinantes para o resultado do conflito.

Restou deste estudo, o entendimento que, o ambiente informacional colabora muito com as operações militares e estão inseridas na campanha militar, porém ainda há limitações que não nos permitem chegar a raiz do problema.

REFERÊNCIAS

- VON CLAUSEWITZ, Carl. **Da guerra**. [lisboa]: Perspectivas & Realidades, Artes Gráficas, Ltda, [1832]. 787 p.
- PIKE, Douglas. **Viet cong**. Massachusetts: Massachusetts Institute Of Technology, [1967]. 276 p.
- SCHUBERT, Frank N.; KRAUS, Theresa L.. **Tempestade do deserto**. Washington: Centro de História Militar do Exército dos Estados Unidos, 1998. 401 p.
- MAGNOLI, Demétrio. **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2006. 479 p.
- BYERS, Michael. **A Lei da Guerra Direito Internacional e Conflito Armado**. Vancouver: Record, 2007. 266 p.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Texas: Edusc, 2001. 449 p
- TZU, Sun. **A arte da guerra**. São Paulo: Jardim dos Livros, 594. 122 p.
- BLAINEY, Geoffrey. **Uma Breve História do Mundo**. [s.i.]: Editora Fundamento, 2007. 190 p.
- OLSEN, Jonh Andreas. **John Warden e o Renascimento da American Air Power**. [s.i.]: Potomac Books, 2007. 349 p.
- COUTAU-BÉGARIE, Hervé. **Tratado de estratégia**. Tradução de Brigitte Bentolila de Assis Manso et al. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010. 760 p.
- BRASIL. Estado-Maior da Armada. Publicação EMA-335. **Doutrina de Operações de Informação da Marinha**. Brasília, D.F., 2018.
- ESTADOS UNIDOS. JOINT CHIEFS OF STAFF. JP 3-13: **Information Operations**. Washington, DC, 2014.
- LINEBARGER, Paul M. A. **Guerra Psicológica**. Trad. de Major Otávio Alves Velho. 2.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1962.
- MAXIMILIANO, Adriana. **Guerra do Golfo. Grandes Guerras**, São Paulo: Editora Abril, n° 9, Jan. 2006.
- OLIVEIRA, Lucio S. P. **Informação ou Propaganda? O que recebemos? O que percebemos?** Brasília: Editora Thesaurus, 1996, 174p.
- PENNA, L. J. A **Comunicação Social em operações militares**. Revista Verde-Oliva. Rio de Janeiro, ano XXXIII, n°192. Abr./mai./jun. 2007.
- ESTADOS UNIDOS. JOINT CHIEFS OF STAFF. JP 3-13: **Information Operations**. Washington, DC, 2014.
- ESTADOS UNIDOS. JOINT CHIEFS OF STAFF. JP 3-13.2: **Psychological**

Operations. Washington, DC, 2010.

ROMAN, A.E. **Meios de Comunicação como instrumento de dominação: a propaganda política de guerra.** Publicatio, Ponta Grossa: UEPG, v.12, n° 1, Jun. 2004.